

Raias do Pensamento: Psicanálise, Pulsões e Literatura

Nesse evento, gostaria de me expressar de um lugar múltiplo, de forma que possa abordar desde as minhas posições subjetivas como psicanalista até onde minhas imersões culturais podem me levar.

Dentre outras, a palavra "raias" tem como significação o sentido de "transfronteiras". E é desse lugar de articulações movediças, dos campos afetivos e racionais que quero trafegar.

Esse dispositivo fotográfico que acabei de mostrar tem a intenção de falar sobre dobras e desdobramentos. Nesse contexto, o dentro e o fora estão em contínuo fluxo.

As modelações, os ritmos que compõem o percurso do dentro/fora, da superfície e da profundidade podem ser superados quando pensamos nos desdobramentos alcançados nessa imagem fotográfica. Assim sendo, uma forma de integrarmos o dentro e o fora, o superficial e o profundo, é através das concepções das dobras e desdobramentos.

Outro exemplo que pode aclarar a idéia de desdobramento é quando pensamos, por exemplo, na água em sua mudança de estados. A organização da **molécula água** continua a mesma H₂O. Porém a sua expressão no universo de suas qualidades intrínsecas fica totalmente alterada. O fundamental no processo de desdobramento é o que acontece nesse "entre estados".

Outra condição que podemos pensar as dobras e desdobras é no campo poético de Paul Valéry, em seu verso: "o mais profundo é a pele".

Esta figuração fotográfica apresentada tem uma configuração onírica. Nela temos um relógio, instrumento de marcar o tempo e também em si existe há um tempo. O relógio está em uma sala, a qual contém um quadro e na foto, também o quadro se situa entre móveis num céu claro. As nuvens também estão dentro da sala, ou seja, esta fotografia abarca o dentro e o fora em concomitância, o "entre". Esta transição está contida nela.

Faço essa alegoria para mostrar como somos afetados pelo "entre" contínuo das dobras do tempo e do espaço, e que estão ocorrendo a todo tempo.

O tempo é complexo, denso, e, muitas vezes, se expressa com leveza e outras, intempestivo, reduzindo tudo a cinzas.

Pulsões de vida e de morte falam sobre isso. Habitam nossas vidas, são nossas vidas e devem nossas vidas.

Traíam do caos/espço/tempo e tentamos, por vezes, harmonizar nossas vivências, mas nunca conseguimos.

Por que não conseguem? Porque duas dimensões se misturam constantemente. A dimensão da representação, que tenta coagular o tempo em algum lugar, como nas fotografias, mas, mesmo nelas este empenho se torna impossível, pois, até sem suporte físico, o papel também envelhece.

A outra dimensão é a do acontecimento, onde tudo está em movimento e fluxo. Esta é a dimensão da vida. As forças, as intensidades, os afetos contidos na vida ou mais propriamente falando nas pulsões de vida criam cada vez mais complexidades e auto-organizações.

Assim sendo, esta pulsão está cada vez mais produzindo marcas referenciais, criando consistências e produzindo conseqüências.

A pulsão de morte, seu par, está produzindo cortes, desligamentos e tentando, forçando chegar às cinzas, como diz Freud: "tentando irremediavelmente chegar ao inorgânico, ao nirvânico, à tensão zero".

Somos afetados o tempo todo por essas duas pulsões o tempo todo, a vida se estabelece pela dança e entrelaçamento entre essas duas pulsões.

Isso tudo nos trás para o campo do movimento. Essa dança pulsional está produzindo formas que se constituem e se desconstituem o tempo todo. Por isso somos esses mutantes, que, quando queremos apreender as nossas formas, já somos outras.

De uma outra forma, o retrato tenta burlar o tempo, mas nunca consegue.

"Retratos somos nós quando éramos outros". Somos nós, seres do tempo, imerso nele e podendo ter vivências nele. Como podemos conseguir alguma forma de subjetivação para podermos habitá-lo?

Em algum lugar no passado, a linguagem se instalou pouco a pouco e foi tomando conta da carne vibrante, porém, nunca conseguiu o seu intento, pois a pulsação aquém da linguagem sobreviveu como um marco destes tempos distantes.

Nesta concepção, estamos a anos luz do desabrochar de um sujeito da verdade, pois as interações afetivas, as intensidades pulsionais aquém da

libido, as intensificações dessas forças não garantem nenhum sujeito ou nenhuma subjetivação duradoura e sim sujeitos vivendo sua própria duração, dobrando e se desdobrando dos turbilhões à calmaria.

Com este preâmbulo, quero mostrar que a clínica psicanalítica, nossos próprios enquadres, "setting" e nossas teorias também estão em transformação, "dobras e desdobras" que precisam ser apreendidos e criados no acontecimento clínico.

Somente a busca pelos traumas infantis aparentemente congelados não dão conta de nossa clínica contemporânea, pois quando a fotografia e narrativas aparecem, elas já são outras e estão também em outras perspectivas.

Freud produz o texto "Além do princípio do prazer" em 1920, e parece procurar dar conta dessas questões. Nesse texto reintroduz a noção de trauma, mas com outras roupagens.

O trauma como aparece no início da sua obra é de natureza sexual, que atinge inclusive as fantasias. Porém, sempre no campo do sexual.

Em Além do Princípio do Prazer, as intensidades não sexuais são alçadas para um primeiro plano e Freud inicia o texto dissertando sobre as neuroses de guerra, obviamente de ordem da intensidade afetiva, não sexuais.

Nesse momento ele inventa uma nova economia psíquica e uma nova tópica.

Neste texto, o famoso primeiro jogo auto-criado de uma criança, fort-da, ele aponta para o imenso desamparo da criança que se desespera ao viver o horror das saídas da mãe. Neste momento a criança vive um caos e não tem suficiente aparelhagem psíquica para sair desse caos.

Este primeiro jogo auto-criado de uma criança mostra como ela pôde criar um símbolo, uma marca, na qual a sua referência de interioridade é apreendida, incorporada naquele instante, uma primeira grande fenda na célula narcísica **mãe criança** é criada no universo referencial da criança, que se inicia com esse acontecimento produzido pelo primeiro jogo auto-criado.

A consequência disso é que a criança pode ficar sem a presença da mãe por algum tempo sem estar mergulhada no caos.

A literatura, um dos subtítulos desse evento, muito se identifica com esses desdobramentos que acabei de citar.

Ela cria mundos e nos coloca a viver neles. Quando lemos, nós nos convencemos totalmente da realidade daquela narrativa que paradoxalmente é pura ficção.

Essa sensação obtida na leitura provém do ritmo pulsante em altíssima velocidade que nos entrega nas dobras e desdobras do livro que lemos. Esse processo nos leva para outros tempos e outros mundos, através da dimensão "entre" criada entre o leitor e o livro.

Nossas vidas também são construídas e desconstruídas, metabolizadas, produzindo ligações e cortes nesta dinâmica das Pulsões de Vida e de Morte, da mesma maneira que a literatura é produzida pelo escrito e promove a imersão desta no leitor.

Termino mostrando outra foto nas raias de um micropoema, mostrando sob outro ângulo o que procurei desenvolver.

Projeção

"O retrato pensa que retém o tempo"